DOI: https://doi.org/10.30749/2177-8337.v24n48p91-105

OS IMPACTOS DA PANDEMIA COVID-19 NA VIDA DAS PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

THE IMPACTS OF PANDEMIC COVID-19 ON THE LIFE OF PEOPLE WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER

André Machado Barbosa[*]
Ana Valéria Figueiredo[**]
Marco Antonio Serra Viegas[***]
Regina Lucia Napolitano Felício Felix Batista[****]

Resumo: As pessoas com autismo, por sofrerem com adaptação de alteração do desenvolvimento neurológico presente desde o nascimento ou começo da infância, diante do brusco rompimento da sua rotina, podem apresentar momentos de irritabilidade. Tal fato ocorre pela dificuldade causada pelo transtorno como entrave da interação social, devido a limitações na comunicação, além de alterações comportamentais, como manias, interesse restrito em coisas específicas e sensibilidade sensorial. Mediante aos fatos apresentados, e pela experiência dos autores na prática profissional, surgiu a preocupação com os impactos que essas pessoas estariam vivenciando. Desse modo, este artigo tem por objetivo tratar das questões relacionadas aos impactos do distanciamento social nesta pandemia provocada pelo vírus COVID-19. O distanciamento social determinado pela Organização Mundial da Saúde, para conter o avanço do coronavírus, tende a impactar exponencialmente as pessoas com Transtorno dos Espectro Autista. Neste contexto, pesquisou-se a respeito da quebra da rotina e seus efeitos prováveis na vida dos autistas, e saber como eles podem vir a se comportarem na fase do confinamento. Também, sugerir aos familiares a aplicabilidade de ações com fim de minimizar os prováveis efeitos pela interrupção da rotina dos autistas ao utilizarem atividades práticas que os levem à compreensão e desenvolvimento. Até porque, o processo de socialização, importante nas relações sócias dos autistas e a possível interação com outras pessoas, como a participação nos espaços sociais já destinados ao desenvolvimento, como os ambientes escolares e terapêuticos, ficado comprometidos.

Palavras chave: Autismo. Distanciamento Social. Interação Social.

[*] Pesquisador e Professor na Universidade Estácio de Sá. Professor na Faculdade Internacional Signorelli. Mestre em Desenvolvimento Local pelo Centro Universitário Augusto Motta. E-mail: andre.mb.adm@gmail.com.

[**] Pesquisadora e Professora na Universidade Estácio de Sá. Professora Adjunta do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: anavaleriadefiguiredo@gmail.com.

[***] Professor do Secretaria Municipal de Educação Mesquita. Especialização em Educação e Inclusão pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: srmarcoviegas@gmail.com.

[****] Pesquisadora e Professora na Universidade Estácio de Sá. Mestre em Desenvolvimento Local pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM). E-mail: reginafelicio01@gmail.com.

Abstract: People with autism, as they suffer from adaptation to changes in neurological development present since birth or early childhood, in the face of a sudden break in their routine, may experience moments of irritability. This fact occurs due to the difficulty caused by the disorder as an obstacle to social interaction, due to limitations in communication, and behavioral changes, such as manias, and restricted interest in specific things, and sensory sensitivity. Through the facts presented, and the authors' experience in professional practice, there was a concern about the impacts that these people would be experiencing. Thus, this article aims to address issues related to the impacts of social isolation in this pandemic caused by the COVID-19 virus. The social detachment determined by the World Health Organization, to contain the advancement of coronavirus, tends to impact exponentially people with Autism Spectrum Disorder. In this context, we sought to research about breaking the routine and its likely effects on the lives of autistic people, and to know how they can behave in the confinement phase. As well as, to suggest to family members the applicability of actions in order to minimize the likely effects of interrupting the autistic routine when using practical activities that lead to understanding and development. Especially because the socialization process, important in the autistic's social relationships and the possible interaction with other people, such as participation in social spaces already destined for development, such as school and therapeutic environments, was compromised.

Key words: Autism. Social Isolation. Social Interaction.

Recebido em: 11/06/2020
Aceito em: 29/06/2020

1 INTRODUÇÃO

Uma partícula microscópica, invisível ao olhar humano, com aproximadamente 0,00012 centímetro de diâmetro, disseminou-se pelos cinco continentes do mundo. Tal fato nos remete a profundas reflexões, como também a reescrever a nossa história com relatos de vivência e/ou experiências em todo o mundo.

O vírus conhecido como COVID-19 tem provocado situações inusitadas comparadas a situações de guerra, não presenciados por grande parte das pessoas. O caos instaurado na maioria dos países onde o vírus chegou causa, além dos problemas de saúde física, transtornos de natureza psicológica, assim como uma reviravolta na economia mundial, até mesmo nos países considerados como potências econômicas.

O evento pode ser comparado, no último século, apenas aos registros da época de guerras mundiais e à ocorrência da gripe espanhola, que atingiu com repercussões a vida social e econômica das pessoas. No caso da COVID-19, principalmente os mais vulneráveis são os idosos e as pessoas com doenças preexistentes. Porém, acompanha-se pelas inúmeras mídias sociais que. em muitos países, populações de todas as faixas etárias estão sendo muito atingidas independente de idade, sendo necessário o distanciamento social, trazendo também, em muitos casos, consequências ruins.

Considerada uma das principais medidas adotadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o distanciamento social se faz necessário para que o contágio seja mitigado exponencialmente e, com isso, os pesquisadores possam ter tempo de encontrar a vacina para imunização das populações afetadas. Assim, neste momento em que o distanciamento social é recomendado, buscam-se outras formas de aproximação, como os meios tecnológicos; mas, infelizmente, excluem uma considerável parcela da sociedade, que são as pessoas com deficiências. Só que as tecnologias existentes no nosso dia a dia não promovem uma aproximação importante, que é a física, o cuidar, o afago, ou, até mesmo, aquele importante abraço.

Logo, neste momento de reclusão, a intervenção das famílias é imprescindível para que seja possível a redução dos impactos no comportamento dos autistas devido ao distanciamento social. As mudanças foram muitas – e inesperadas –, sem comunicações prévias. Lidar com a interrupção abrupta das escolas, das clínicas, dos espaços de convivência entre outras rotinas sociais e a quebra de vínculo com professores, terapeutas, outros membros da família e amigos, além do fantasma da possível contaminação, pela experiência profissionais de dois dos autores, especialistas no assunto, informamos que geram comportamentos inconstantes, angústia e medo, principalmente para as pessoas que necessitam de cuidados especiais, em especial, os autistas.

A maneira e o tempo que as pessoas com autismo levam para processar as mudanças de rotina e as informações, às vezes, é mais demorada e há necessidade de suporte para seu entendimento. Os desafios que as pessoas com autismo enfrentam são muitos e englobam uma gama de processos como: déficit na comunicação expressiva e/ou receptiva, dificuldade na compreensão do abstrato (ideias), comportamentos agressivos ou de autoflagelação, ocasionados por stress em razão da não compreensão do momento atual vivido, podendo causar situações de ansiedade e depressão.

O mais importante de tudo é conseguir equilibrar uma rotina possível e saudável para todos, pois não há perspectivas de quando tudo isso terminará e não se pode deixar os autistas sem o apoio das famílias, dos terapeutas e de todos os que compõem sua rotina. Cabe refletir que cada pessoa com autismo é única, e cada família tem sua especificidade; por não existir uma receita pronta, sempre haverá necessidades de ajustes e adaptações pontuais, visando ao bem-estar da pessoa autista.

Desse modo, esta pesquisa orienta-se no objetivo de se debruçar sobre as recentes publicações a respeito do distanciamento social provocado pela pandemia, com fim de compreender seu impacto nas pessoas com transtorno do espectro autista. Tendo em vista a quebra de rotina, tende a provocar a desorganização comportamental, como também, momentos de irritabilidade.

Com isso, suas famílias podem estar vivenciando momentos de inconstância emocional muito maiores, já que além de todos os transtornos provocados pelo

isolamento social, necessitam administrar, essa mudança de hábitos, pela interrupção das atividades escolares e terapêuticas que os autistas possuem no cotidiano.

2 METODOLOGIA

Adotamos como abordagem teórico-metodológica deste trabalho a pesquisa qualitativa, salientando, sobretudo, os aspectos dinâmicos e subjetivos, ao analisar informações mais complexas, como o comportamento, os sentimentos, as expressões e demais aspectos que possam ser observados no objeto de estudo. Assim, Bardin (1977, p. 42) explica que:

> A abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques.

Sendo assim, foi realizada uma revisão da bibliografia relacionada ao tema, com a observação e a reflexão de importantes componentes na discussão atual apresentada nas pessoas com autismo e o isolamento social e seus comprometimentos no desenvolvimento cognitivo e interações sociais, com o propósito de possibilitar estratégias as famílias para amenizar o momento de confinamento e proporcionar atividades educativas que proporcionem seu desenvolvimento.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Autismo

A Lei nº 13.146 de 2015 (BRASIL, 2015) - Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) estabelece quem é a pessoa com deficiência e direciona como e deve ser o processo para sua reabilitação, assim como ser obrigatório o diagnóstico e as intervenções precoces. O autismo não é uma doença, mas sim característica que precisa de atenção especial; no entanto, para proteger os direitos da pessoa incluída no TEA, a Lei nº 12.764/12, que instituiu

a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, manifestou o transtorno como deficiência, para que as pessoas tenham seus direitos respeitados. (BRASIL, 2012).

O autismo é uma condição caracterizada pelo não desenvolvimento de sentimentos que interferem nas interações sociais, nas modalidades de comunicação e no comportamento (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013). Todavia, é preciso entender que uma criança que tem comportamentos diferenciados não pode ser avaliada de forma que o seu comportamento diferente a inferiorize. O comportamento autista tem suas peculiaridades e entre tantas o distanciamento social é uma das mais inerentes a este grupo, sobre o qual Ribeiro corrobora ao informar.

> A essência das coisas e das pessoas precisa ser descoberta e lida na realidade do outro, pessoa ou mundo. Não basta descobrir cognitivamente a essência das coisas, encontrar-se com seu sentido, é preciso ir além da essência, mergulhando no *como* das coisas, em seu significado, transformando-o no chão firme, a partir do qual a existência humana faz sentido. (RIBEIRO, 2006, p. 28).

Os indivíduos com transtorno do espectro autista apresentam alterações nos comportamentos relacionadas às habilidades de comunicação e socialização provavelmente ligados a déficits cognitivos, segundo Gadia, Tuchman e Rotta (2004, p. 83), em recentes pesquisas realizadas o autismo. Inclusive, citam que o Transtorno do Espectro Autista não é uma doença única, mas sim um distúrbio de desenvolvimento complexo, e como síndrome de manifestações comportamentais aponta características básicas como: "[...] déficits qualitativos na interação social e na comunicação [...] dentre outras.

Dessa forma, torna-se importante avaliar que existe um grande problema enfrentado pelas crianças autistas dentre a discriminação em vários ambientes. Por esses fatos, a sociedade civil organizada lutou e luta para aprovar leis que viabilizem a vida das pessoas com transtorno do espectro autista, e sobre a ótica de Khoury et al. (2014) contribui quando informa sobre:

> Assim como em outros transtornos do desenvolvimento, crianças com TEA possuem necessidades educacionais especiais devido às condições clínicas, comportamentais, cognitivas, de linguagem e de adaptação social que apresentam. (KHOURY et al., 2014, p. 25).

Também Khoury et al. (2014) ressaltam a qualidade de vida individual e familiar das pessoas com transtorno do espectro autista e a inserção social, aspectos relevantes para condução desta pesquisa visto a disruptura desse processo de inserção estarem ocorrendo devido o necessário isolamento social.

3.2 Distanciamento social

De acordo com Martinez e Possídio (2020, p. 14), "o mundo vive um momento de alerta sem precedentes com a disseminação, em progressão geométrica, do Coronavírus". Neste momento, vive-se um distanciamento social para a preservação da vida humana, cabendo destacar, que nos autistas, este momento é constante, referindo se a sua introspeção.

O isolamento vivido pelo autista é o seu eu consigo mesmo, ele está mergulhado no mundo que criou e vive exclusivamente nele, negando interferências exteriores, impedindo aos outros de perceberem seu entendimento e assim privá-los da sua convivência. Esses são alguns dos impactos da Pandemia COVID-19 na vida dessas pessoas. Papa Francisco (2020, p. 9) relata que tudo o que vem ocorrendo nos abala dentro, e exorta para que todos se reconheçam como parte de uma única família e se apoiem mutuamente. É tempo de remover as desigualdades, sanar a injustiça a que mina pela raiz a saúde da humanidade inteira!

Segundo Parke e Buriel (2008, p. 113) "as famílias são continuamente confrontadas por desafios, mudanças e oportunidades" e que as "diversas mudanças na sociedade têm produzido alterações nas relações familiares". Tais desafios são referidos aqui como o desafio para cumprir rigorosamente as recomendações em resposta às orientações da Organização Mundial da Saúde frente à pandemia. São muitos os desafios, porque a quebra de rotina leva à desorganização do pensamento, comportamentos agressivos e até mesmo a outros transtornos psicológicos com a depressão, conforme relata a Autismo e Realidade (2013, p. 18).

> Crianças com autismo, muitas vezes, precisam e procuram ter previsibilidade do seu ambiente. Uma pequena mudança em qualquer rotina como fazer refeições, vestir-se, tomar banho, ir para a escola em um horário diferente

> do predeterminado e fora do caminho habitual, pode ser extremamente perturbadora. (AUTISMO E REALIDADE, 2013, p. 18).

Falta, a muitos autistas, a compreensão da necessidade do distanciamento social, gerando o sentimento de contrariedade da ação. Assim, sua irritabilidade torna-se visível. Uma forma de manter a atividade intelectual desses sujeitos ativa, recomenda-se a utilização do lúdico como intervenção, com ações que permitam a organização de espaços, como brinquedos de encaixe, por exemplo Lego, ou atividades conhecida e já praticada pelos familiares, para mantê-los entretidos e tentar amenizar e compensar os efeitos gerados pelas medidas recomendadas.

> Os brinquedos são parceiros silenciosos que desafiam a criança possibilitando descobertas e estimulando a auto expressão. É preciso haver tempo para eles, e espaço que assegure o sossego suficiente para que a criança brinque e solte a sua imaginação, inventando, sem medo de desgostar alguém ou de ser punida. Onde possa brincar com seriedade. (CUNHA, 2007, p. 12).

Nessas horas, os pais viram professores, mediadores, psicólogos, mágicos e tudo mais que possa entreter seus filhos. Em dias de distanciamento social, é muito importante ter a consciência de mantê-los ocupados com atividades, criar uma nova rotina ou adaptá-la à anterior. Contudo, é pertinente ressaltar "que, apesar de haver alguns conteúdos informacionais para os deficientes brasileiros no âmbito do Ministério da Família Direitos Humanos e mulher", como destaca Dantas e Bernadi (2020, p. 573) e ainda informam não haver "ainda uma preocupação em garantir a compreensão das pessoas com deficiência com maiores dificuldades intelectuais". Sobretudo destacar segundo os mesmos autores, o grave fato:

> A ausência de tomada de decisão, em relação às pessoas com deficiência, demonstra também que não houve um planejamento específico para familiares que exerçam função de cuidadores de seus entes com deficiência. Nesse ínterim, é salutar ainda demonstrar que o Estado Brasileiro, contrariando as recomendações internacionais, não divulga o número de pessoas com deficiências infectadas. (DANTAS; BERNARDI, 2020, p. 573).

A ausência de políticas que possam garantir a permanência da rotina dos autistas e não culminar nas perdas de habilidades, principalmente, nas crianças em período escolar, parecem não estarem sendo tratadas. Por esse motivo, nos tempos atuais, deve ser tratada com especial atenção. Atividades diferenciadas devem contemplar o dia, pois não é aconselhável, por especialistas, deixar crianças autistas

muito tempo sem fazer nada. Pelas circunstâncias, há uma devida atenção pela ausência de políticas públicas que atendam a necessidade dessas famílias, sobretudo em decorrência de experiências que Goméz e Terán (2014) informam:

> A experiência de ter um filho com autismo pode causar conflitos entre os pais e entre os outros irmãos, dando lugar a tensões e problemas. Muitas vezes os pais podem se sentir muito mal em relação ao que sentem pelo filho; sentimentos contraditórios de pena, raiva, amor profundo, desconforto, injustiça, lamento, excesso de responsabilidade, etc. [...] Deve-se levar em conta que a criança exige mais tempo e atenção dos pais, limitando outras atividades, o que pode causar sentimentos de raiva e inveja nos outros membros da família. (GÓMEZ; TERÁN, 2014, p. 530-531).

O ser humano é ser social por sua própria essência e esse distanciamento da sociedade em suas residências, traz malefícios sob todos os pontos de vista e se faz necessário promover a interação social nas melhores formas possíveis e disponíveis na condição melhor a ser vivida.

4 INTERAÇÃO SOCIAL

No significado etimológico, a palavra interação social nos faz pensar em ideia de ação entre sujeitos. Contudo, Watzlawick, Beavin e Jackson (1998, p. 108) conceitua como "ação conjunta e interdependente de dois ou mais participantes e que produz mudanças tanto nos sujeitos como no contexto no qual a interação se desenvolve". Podemos ter a percepção de que a interação social é uma relação complexa, envolvida com inúmeras questões presentes em situações adversas.

A relação do autismo com a interação social engloba manifestações com comportamentos inconstantes e sentimentos diversos. E segundo Kaku (2015, p. 160) "acredita-se que cerca de 10% dos indivíduos autistas têm algumas características de *savants*[1]). Esses *savants* fenomenais possuem capacidades muito além do entendimento científico atual". Como também o mesmo autor corrobora sobre o assunto ao destacar:

> Há vários tipos de savants que despertaram recentemente a curiosidade dos cientistas. Cerca da metade deles tem alguma forma de autismo (a outra

[1] A Síndrome de *Savant* é uma condição rara, em que a pessoa portadora das mais várias desordens mentais, incluindo o autismo, apresenta brilhante talento ou habilidade contrastando com suas limitações. (SIQUEIRA et al., 2019, p. 1).

> metade apresenta outros tipos de doença mental ou distúrbios psicológicos). Em geral, eles têm sérios problemas de interação social, o que leva a um profundo isolamento. (KAKU, 2015, p. 160).

Os distúrbios na interação social dos autistas, conforme explicado por Coll et al. (2004), podem ser observados desde o início da vida. As pessoas com transtorno do espectro autista apresentam dificuldades no relacionamento social e em determinados momentos, dificuldades em sustentá-los. Portanto, a limitação nessas relações é a principal questão aos autistas, visto que a solidão extrema em que vivem reflete na sua incapacidade de iniciar ou manter estas relações. É sabido que os familiares ou pais são as únicas pessoas aceitas pelos autistas nesse momento, como relata Coll et al. (2004).

> Desde o início há uma extrema solidão autista, algo que na medida do possível desconsidera, ignora ou impede a entrada de tudo o que chega à criança de fora. O contato físico direto e os movimentos ou os ruídos que ameaçam romper a solidão são tratados como se não estivessem ali, ou, não bastasse isso, são sentidos dolorosamente como uma interferência penosa. (COLL et al., 2004, p. 235).

Toda a personalidade dessas crianças é determinada por extrema solidão e poucos contatos físicos diretos. Essa característica é relacionada à incapacidade de perceber ou de conceituar totalidades coerentes e a tendência a representar as realidades de forma fragmentária e parcial. A interação social, na sociologia é um conceito que determina as relações sociais desenvolvidas pelos indivíduos e grupos sociais e por se tratar de uma condição indispensável para o desenvolvimento humano e constituição das relações nas sociedades que por meio de processos interativos, o ser humano se transforma em sujeito social.

O processo de interação ou socialização é muito relevante para a construção social em diversos espaços da sociedade, é por meio dele que os sujeitos interagem e se compõem por meio da comunicação e ao mesmo tempo constroem os espaços sociais. Citando Gilberto Freyre, ele define socialização na seguinte condição:

> É a condição do indivíduo (biológico) desenvolvido, dentro da organização social da cultura, em pessoas ou homem social, pela aquisição de status ou situação, desenvolvidos como membro de um grupo ou de vários grupos. (FREYRE, 1968, p. 89).

É a partir dessa interação que os sujeitos desenvolvem a comunicação, estabelecem o contato social e criam redes de relações que refletem em

determinados comportamentos sociais que citando dois pensadores que colocaram seus conceitos de interação e como ela acontece; Vygotsky (2001) coloca que a interação social possui um papel muito importante no desenvolvimento dos seres humanos, afirmando que "o comportamento do homem é formado por peculiaridades e condições biológicas e sociais do seu crescimento"; e, para Piaget (1972), o ser humano é influenciado pelas relações sociais que desenvolve durante sua vida e a partir dessas relações que são desenvolvidos os comportamentos sociais que o processo de socialização é desenvolvido em vários estágios do ser humano.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do desenvolvimento, ou do neurodesenvolvimento, levando a déficits na interação social e sua comunicação em todos os sentidos, correlacionados a padrões de comportamentos repetitivos. Logo, o rompimento de padrões de comportamento e sua rotina estabelecida causam momentos de irritabilidade e intolerância por parte pessoa com autismo. Portanto, implementar novas habilidades e adaptá-lo a novas rotinas de comportamento são trabalhos árduos que demandam tempo, compreensão, esforço, amabilidade, repetição e dedicação.

Considerando que pessoas com autismo apresentam maiores dificuldades em suas necessidades específicas de comportamento e aprendizagem, e possuem um desenvolvimento neurológico, psicomotor e de linguagem mais lento e muito comprometido, e que as dimensões afetiva e cognitiva desses alunos estão intimamente ligadas e favorecem o sentimento de autoestima e de aceitação de suas singularidades, estes precisam de interferências humanizadas, partindo do pressuposto que são capazes de absorver novos comportamentos e entendimento da realidade , principalmente, quando os vínculos afetivos a beneficiam e proporcionam o desenvolvimento global.

Assim, conforme Camargo e Bosa (2009), a carência de respostas das crianças autistas, tende-se, muitas vezes, à dificuldade de entendimento do que está sendo exigido dela, em vez de uma atitude de isolamento e recusa. Nesse sentido,

"julgar que a criança é alheia ao que acontece ao seu redor restringe a motivação para investir na sua potencialidade para interagir". (CAMARGO; BOSA, 2009, p. 68).

Nesse período de distanciamento social, as famílias têm razão em se sentirem angustiadas com a ruptura abrupta do processo de intervenção, uma vez que muitas das habilidades ainda estão em processo de aprendizagem e a não estimulação pode levar a retrocessos e atrasos na aquisição.

> O autismo nos fascina porque supõe um desafio para algumas de nossas motivações mais fundamentais como seres humanos. As necessidades de compreender os outros, compartilhar mundos mentais e de nos relacionarmos são muito próprias de nossa espécie, exigem-nos de um modo quase compulsivo. Por isso, o isolamento desconectado das crianças autistas é tão estranho e fascinante para nós como seria o fato de um corpo inerte, contra as leis da gravidade e de nossos esquemas cognitivos prévios, começar a voar pelos ares em nosso quarto. (COLL et al., 2004, p. 234).

O primordial é que a implantação e a implementação de uma rotina de atividades sejam planejadas e orientadas pelo profissional de apoio especializado (terapeuta) que acompanha o desenvolvimento e reconhece suas possibilidades de adaptação e entendimento, dadas as condições atuais de confinamento.

> Os recursos e estratégias pedagógicas que visam a favorecer a inclusão escolar de alunos com TEA necessitam de profissionais especializados e do envolvimento de todos no processo de inclusão, de forma que esses alunos possam ter a oportunidade de participar efetivamente do espaço escolar e ampliar a sua habilidade de comunicação. (WALTER; NUNES, 2013, p. 589).

Porém, essa realidade não está presente em todas as famílias, que em virtude das dificuldades de acesso aos meios de comunicação online ou mesmo à dificuldade em se adaptar a uma relação à distância com o profissional.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a pesquisa apresenta possibilidades de vencer o distanciamento social e suas marcas árduas deixadas nas pessoas com autismo e conseguir se organizar e responder bem às experiências desse processo vivenciado, quando são oferecidas a elas uma rotina, com atividades, de apoio terapêutico e familiar que estimulem suas potencialidades e seu desenvolvimento.

Desse modo, sugerem-se atividades concretas como jogos que envolvam alfabeto, de preferência ao estímulo de nomes familiares; também, atividades de cunho visual e corporal, proporcionando o reconhecimento de cores e formas; recursos de estimulação sensorial, e ações de organização e pareamento. Cabe destacar que dois dos autores sugerem tais atividades, baseados em suas experiências profissionais, em específico um dos pesquisadores, pois atua como professor de alunos com deficiências em Escola Especial.

Logo, torna-se importante o debate disposto neste artigo, pois os autores buscaram na relevância do tema, o destaque a e atenção ao debate pela total compreensão que direciona a um dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). Tendo em vista que agenda 2030 visa à obtenção em promoção de sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionando o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.

Como seres humanos e inconclusos que somos, na certeza de apresentarmos inquietações que nos movem com sentimentos de prazer e frustração, euforia e desespero, caminhamos na direção da descoberta e do desenvolvimento do pensamento crítico. E assim, possamos continuar a construir e fortalecer a concepção de uma sociedade realmente viva, democrática, diversa, coletiva e inclusiva, que esteja voltada para atender a este público, isto é, as pessoas com autismo e suas famílias, em busca de um mundo mais humano.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Autism Spectrum Disorder**. [Filadélfia]: APA, 2013. Disponível em: https://www.psychiatry.org/File%20Library/Psychiatrists/Practice/DSM/APA_DSM-5-Autism-Spectrum-Disorder.pdf. Acesso em: 31 maio 2020.

AUTISMO E REALIDADE. **Cartilha autismo e educação**. São Paulo: Associação de Estudos e Apoio, 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o §

3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 23 abr. 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 30 abr. 2020.

CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia e Sociedade**, [*S. l.*], v. 21, n. 1, p. 65-74, 2009.

COLL, C. *et al*. **Desenvolvimento psicológico da educação**: transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

CUNHA, N. H. S. **Brinquedoteca**: um mergulho no brincar. 4. ed. São Paulo: Aquariana, 2007.

DANTAS, L. E. R.; BERNARDI, R. **Covid-19 e o direito brasileiro**: mudanças e impactos. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020.

FREYRE, G. **Como e porque sou e não sou sociólogo.** Brasília, DF: Ed. UnB, 1968.

GADIA, C. A.; TUCHMAN, R.; ROTTA, N. T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **Jornal da Pediatria**, Porto Alegre, v. 80, n. 2, p. 83-94, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/jped/v80n2s0/v80n2Sa10. Acesso em: 05 mar. 2020.

KAKU, M. **O futuro da mente**: a busca científica para entender, aprimorar e potencializar a mente. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015.

KHOURY, L. P. *et al*. **Manejo comportamental de crianças com transtornos do espectro do autismo em condição de inclusão escolar**: guia de orientação a professores. São Paulo: Memnon, 2014.

MARTINEZ, L.; POSSÍDIO, C. **O trabalho nos tempos do coronavírus**. Brasília, DF: Saraiva, 2020.

PAPA FRANCESCO. **Vida aprós a pandemia**. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 2020.

PARKE, R. D.; BURIEL, R. Socialization in the family: ethnic and ecological perspectives. *In*: DAMON, W.; LERNER, R. M. **Child and adolescent development**: an advanced course. Hoboken, NJ: Wiley, 2008. p. 95-138.

PIAGET, J. **Psicologia e epistemologia**: por uma teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

RIBEIRO, J. P. **Vade-mécum de gestalt-terapia**: conceitos básicos. 2. ed. São Paulo: Summus, 2006.

SIQUEIRA, T. D. A. *et al*. Síndrome de savant: compreendo sua evolução e tratamento através da literatura. **BIUS - Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia**, [*S. l.*], v. 12, n. 5, p. 1-12, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/BIUS/issue/view/323. Acesso em: 30 maio 2020.

VYGOTSKY, L. S. **Construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALTER, C. C. F.; NUNES, L. R. O. P. Comunicação alternativa para alunos com autismo no ensino regular. **Revista Educação Especial**, [*S. l.*], v. 26, n. 47, p. 587-602, 2013.

WATZLAWICK, P., BEAVIN, J. H., JACKSON, D. D. **Pragmática da comunicação humana**: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação. São Paulo: Cultrix, 1998.